

Sob outra perspectiva: a História Oral nas obras de Svetlana Aleksiévitch

Maria Carolina
Nascimento de Matos*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v10i2p38-59

Resumo: O presente trabalho faz uma reflexão crítica acerca da história oral como empregada nas obras da escritora bielorrussa Svetlana Aleksiévitch. Aleksiévitch encontrou na simplicidade da vida cotidiana as suas fontes para descrever os principais acontecimentos que abalaram não apenas o Estado soviético e sua ideologia, mas também a vida de seus cidadãos. A Segunda Guerra Mundial, o acidente na central nuclear de Tchernóbil e a Perestroika são alguns desses eventos. Ao fazer um levantamento bibliográfico sobre o tema, percebeu-se que, até o momento, muito de seu trabalho tem sido interpretado em diálogo com a Literatura e em menor medida com o Jornalismo; a questão de suas obras serem trabalhos de história oral é sempre mencionada, entretanto, nunca aprofundada. Deseja-se estabelecer uma conexão mais íntima entre seus livros e a História, demonstrando que, apesar de ser comum no meio editorial a divulgação de seus escritos sob a designação “história oral”, não é possível considerar que seu trabalho de fato se baseie nessa prática. Para isso, serão enfatizadas três de suas publicações: A Guerra não tem rosto de mulher, Vozes de Tchernóbil e O fim do Homem Soviético, conjuntamente com a bibliografia especializada.

Palavras-chaves: História oral; memória; Svetlana Aleksiévitch; União Soviética.

* Graduada em história pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail para contato: maria.carolina.matos@usp.br. Agradeço ao Prof. Dr. Angelo de Oliveira Segrillo por todo o apoio e incentivo que tornou possível a realização deste trabalho.

Introdução

Nascida na Ucrânia em 1948, filha de pai bielorrusso e mãe ucraniana, Svetlana Aleksievitch estudou Jornalismo na Universidade de Minsk. Posteriormente, mudou-se para Beresa, onde iniciou sua carreira de jornalista e escritora, escrevendo contos e poemas para jornais e revistas locais.

Seu trabalho com relatos orais não foi algo pioneiro na literatura soviética: o escritor Aliés Adamóvich era um dos que já trabalhavam com esse tipo de fonte. Em um de seus livros, Aleksievitch conta que a sua inspiração surgiu quando se deparou com a obra *Eu venho de uma vila em chamas* de Aliés Adamóvich, Iánka Bril e Vladímir Koliénsnik. Posteriormente, Adamóvich tornou-se professor e um dos principais incentivadores do trabalho de Aleksievitch. Apesar disso, nenhum de seus livros foi traduzido no Brasil até o momento.

Svetlana Aleksievich percorreu, durante décadas, a extinta União Soviética em busca de fontes vivas que narrassem suas histórias de vida e suas percepções acerca dos “grandes fatos” que assolaram o regime soviético. Num período em que o acesso aos arquivos era dificultado pela censura, que impedia a divulgação de diversos documentos, escritores desenvolveram estratégias alternativas para documentar a história da União Soviética.

Disseram a você que era rigorosamente proibido fotografar perto do reator? Só com autorização especial. Tomavam a sua câmera. Antes da partida dos soldados que tinham servido lá, os revistavam, como no Afeganistão, para ver se, Deus me livre, eles não possuíam nenhuma foto. Nenhuma prova. Quanto aos operadores de câmera de televisão, os funcionários da KGB tomavam-lhes as fitas e as devolviam veladas. Quantos documentos destruídos... Testemunhos perdidos para a ciência. Para a história. Seria bom encontrar agora aqueles que deram essas ordens (ALEKSIÉVITCH, 2016a, p. 318).

Maria Carolina Nascimento de Matos

Seu livro de estreia em 1985, traduzido no Brasil sob o título *A guerra não tem rosto de mulher* (2016), foi censurado em sua primeira tentativa de publicação por ter sido considerado uma calúnia contra os grandes heróis homens que lutaram na Segunda Guerra Mundial e contra a “grande história” que tinha como objetivo enaltecer os principais feitos do governo soviético e de seus líderes, formulando um discurso hegemônico que se colocava como oficial. Esse cenário denota as dificuldades e até mesmo a impossibilidade de se trabalhar com relatos orais sob um regime ditatorial. Era inapropriado considerar que houvesse uma “pequena história” alternativa que pudesse ser escrita, para além da que era apresentada. Apenas com o início da Perestroika empreendida por Gorbachov é que sua obra pôde ser lançada.

De uma conversa com o censor: “Isso é mentira! É uma calúnia contra nossos soldados libertadores de meia Europa. Contra nossos *partisans*. Nosso povo herói. Não precisamos de sua pequena história, precisamos da grande história. A história da Vitória. Você não ama nossos heróis! Não ama nossas ideias. As ideias de Marx e Lênin” (ALEKSIÉVICH, 2016, p. 36).

A coleta de diversos relatos produziu um total de cinco livros, que foram publicados sob a denominação geral “Vozes da Utopia”. O primeiro livro, *A guerra não tem rosto de mulher*, traz os relatos de mulheres que combateram ou participaram de alguma forma no campo de batalha durante a Segunda Guerra Mundial, como enfermeiras, cozinheiras, soldados, ou exercendo outras funções. O segundo livro, *As últimas testemunhas*, tem como tema também a Segunda Guerra Mundial, mas sob o olhar de pessoas que eram crianças quando a guerra eclodiu. O terceiro, *Meninos de Zinco*, se baseia nos relatos de soldados que combateram na Guerra do Afeganistão. O quarto, *Vozes de Tchernóbil*, apresenta as consequências catastróficas, sofridas pela população e pelo meio ambiente, após a explosão da usina nuclear. Por fim, o quinto e último livro da série Vozes da Utopia, *O fim do homem soviético*, discorre sobre as consequências culturais e sociais decorrentes do colapso do regime comunista e do

império soviético, os conflitos étnicos e separatistas, a ascensão dos “magnatas russos”, entre outras questões.

É possível notar aproximações e diálogos entre as obras. A exaltação de um militarismo heroico, a abnegação do indivíduo frente à pátria e a ideologia comunista são alguns aspectos que aparecem nos relatos dos soviéticos, independentemente do recorte temático que a autora queira lançar.

Em 2015, Aleksievitch ganhou o Prêmio Nobel de literatura por “seus escritos polifônicos, um monumento ao sofrimento e à coragem em nosso tempo” (EL PAÍS, 2015), e desde então, muito de seu trabalho tem sido apresentado a partir de um recorte literário. Sua relação com a historiografia aparece de maneira ambígua em suas obras. Pode-se notar uma tentativa de aproximação por parte da autora em algumas passagens nas quais ela considera seus trabalhos como livros de história. Já em outras, parece haver certo afastamento, como se, para a história, interessassem apenas os fatos, destituídos do componente emocional: “A história se interessa apenas pelos fatos, mas as emoções ficam à margem. Não é costume admiti-las na história [...]” (ALEKSIÉVICH, 2016b, p. 24).

O que Aleksievitch parece deixar de considerar em seus escritos é a possibilidade de se utilizar as fontes orais na análise histórica. Através dessas considerações, o objetivo principal deste artigo é responder à seguinte questão: Afinal, as obras de Svetlana Aleksievich podem ser consideradas história oral?

Para isso, o artigo será dividido em duas partes principais. A primeira fornecerá alguns elementos que constituem a história oral, abordando algumas das principais discussões e seus gêneros. A segunda parte será reservada à discussão das obras de Aleksievitch a partir de uma perspectiva historiográfica.

1. O status da História Oral

Apesar de relatos orais serem utilizados por historiadores no Ocidente desde a Grécia Antiga, o conceito moderno de história oral, com uma metodologia própria, remonta ao trabalho pioneiro de Allan Nevins e sua equipe na Universidade de Columbia na década de 1940. O ulterior desenvolvimento do gravador portátil impulsionaria a nova maneira de se trabalhar a história. O questionamento acerca da incorporação de outros tipos de fontes que não somente o documento escrito foi se aprofundando à medida que surgiam novas tecnologias que possibilitaram a incorporação de novas metodologias e fontes, tais como música, cinema, e nos dias atuais, até os *games*.

Em seu início, o surgimento da história oral esteve intimamente ligado à necessidade crescente de se abordar a história dos vencidos, das minorias e dos marginalizados, trazendo o foco para a “pequena história” e para a vida cotidiana, ou seja, para temáticas que muitas vezes ficavam de fora da análise histórica tradicional. Além da História, outras disciplinas também passaram a trabalhar com relatos orais, tornando possível, e até mesmo imprescindível, um maior diálogo com a Psicologia Social, a Sociologia e a Antropologia, por exemplo.

Como toda proposta diferenciada em um ambiente ainda carregado de passado positivista, que prioriza as fontes escritas e vê outros tipos de manifestações com desconfiança, a história oral tenta se afirmar definindo seu status. Três posturas são frequentemente colocadas: a história oral como técnica, como disciplina ou como metodologia. Para esclarecer os três pontos de vista, serão utilizadas as definições propostas por Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (2006).

Os defensores da história oral como técnica geralmente utilizam as fontes orais como algo complementar, não como foco principal de pesquisas. Seu interesse se baseia nos procedimentos técnicos de gravação, aparelhagem, e na composição e conservação de acervos orais; as fontes são utilizadas de forma complementar à pesquisa. Algumas pessoas que defendem esse tipo de uso da história oral chegam a negar qualquer pretensão metodológica ou teórica para a história oral, considerando-a um procedimento puramente técnico para a utilização de gravações em pesquisas e a posterior conservação desses materiais (FERREIRA & AMADO, 2006, pp. XII- XIII).

Já os que vêem a história oral como disciplina adotam uma postura mais radical, considerando-a um novo campo de conhecimento, com técnicas específicas de pesquisa, conceitos e procedimentos metodológicos, ou seja, a história oral como disciplina é capaz de refletir sobre si mesma e possui um campo teórico distinto. Para estes, os relatos orais representam o núcleo da investigação. Ao expor as posturas referentes ao status da história oral, não se deve pensá-las como algo homogêneo: há diversas posições que divergem entre si, mesmo que haja pontos em comum (FERREIRA; AMADO, 2006, p. XIII).

Por fim, a história oral como metodologia é capaz de estabelecer e ordenar procedimentos de trabalho, “funcionando como ponte entre teoria e prática”, ou seja, a metodologia não dispõe de uma área teórica capaz de solucionar questões, como defendem os que a consideram uma disciplina, cabe a ela apenas apontar questionamentos (FERREIRA & AMADO, 2006, pp. XV- XVII). Neste artigo, serão considerados apenas autores que trabalham a história oral como metodologia.

1.1. História oral como possibilidade

Maria Carolina Nascimento de Matos

“Toda história depende, basicamente, de sua finalidade social [...]” (THOMPSON, 1998, p. 20).

Para aprofundar o debate a respeito da história oral como metodologia, é necessário que se compreenda suas possibilidades e suas dificuldades. Em primeiro lugar, há que se destacar o caráter narrativo das fontes orais. O indivíduo, ao contar suas experiências, constrói o seu próprio relato histórico, que não é gerado sem distorções ou ficções (BÓSI, 1979). É a partir dessa característica narrativa, talvez, que a história oral se aproxima, ou até mesmo é confundida com a literatura.

O segundo ponto que merece atenção é a questão da memória: é possível confiar tranquilamente no detalhamento dos fatos narrados pelos entrevistados? E pelas pessoas de mais idade? A constituição da memória, segundo Michael Pollak, se dá através do entrecruzamento dos “acontecimentos vividos pessoalmente pelos indivíduos e pelos acontecimentos vividos por tabela”, isto é, eventos vivenciados pela coletividade à qual a pessoa pertence ou sente pertencer. O que acontece é que as pessoas tendem a se apropriar de fatos que se passaram na coletividade, ou algo visto pela televisão, lido em um livro ou ouvido em algum lugar, como se fossem seus ou como se elas os tivessem vivenciado ativamente (POLLAK, 1992, pp. 201-202).

Outros dois aspectos da memória são a sua seletividade e o fato de que ela é construída socialmente. Consciente e inconscientemente, o indivíduo constrói e reconstrói suas memórias de acordo com suas influências, reflexões, maturidade, proximidade ou distanciamento do fato. Se, por exemplo, um pesquisador entrevistar o mesmo indivíduo sobre o mesmo assunto após algum tempo, a sua narrativa possivelmente será diferente em alguns pontos. Como destaca Pollak, a memória possui essa característica “flutuante, flexível, mutável”, mas isso não invalida a

existência de parcelas invariantes e imutáveis (POLLAK, 1992, pp. 204 -205). A narrativa pode se diferenciar em alguns aspectos, mas certas posições tendem a se manter invariáveis mesmo que contadas a partir da mobilização de outras palavras. Cabe ao historiador perceber essas sutilezas dos discursos.

Considerando a característica narrativa da fonte oral e tais aspectos da memória, como é possível, então, interpretá-la do ponto de vista historiográfico? Quando a história oral é mencionada, a dúvida que ainda surge entre os acadêmicos que não adotam essa metodologia em seus trabalhos é a confiabilidade da fonte, já que, como foi apontado acima, a memória e a narrativa não são um dado fixo, mas construções sociais que se modificam ao longo do tempo.

Entretanto, uma metodologia diferenciada também deve passar por um tratamento crítico diferenciado. Quando um historiador escolhe trabalhar com fontes audiovisuais, como o cinema ou séries de televisão, por exemplo, sua análise não se resume a fazer uma desconstrução sobre a fidelidade dos fatos históricos representados em um filme, pois seria demasiado simples e não acrescentaria muita coisa para um debate mais aprofundado. O que geralmente é levado em consideração são as **representações históricas** propostas em tal filme ou série. Ou seja, por que o diretor escolheu representar o fato dessa maneira e não de outra? A crítica social e/ou política subjacente ao roteiro do filme, o figurino, o cenário, a trilha sonora, os movimentos de câmera, enfim, tudo é levado em conta na análise. Mais uma vez, o que interessa é a maneira como é representado o fato histórico, e não a sua fidelidade ao acontecimento.

No que concerne a história oral, a lógica parece ser a mesma. Muito além da fidelidade ao acontecimento, o que importa é compreender por que o(s) indivíduo(s)

Maria Carolina Nascimento de Matos

narra(m) dessa ou de outra maneira. Por que omitiu tal fato ou por que enfatizou várias vezes a mesma coisa? Há aproximações entre os discursos de um grupo? As possibilidades são grandes e cabe ao pesquisador mobilizar as perguntas de acordo com o interesse de seu projeto. Além disso, é necessário considerar que o trabalho com a história oral se constrói a partir de fontes vivas, sendo o historiador e o entrevistado os que produzem, conjuntamente, essas fontes: “A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o ‘em si’ do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma” (BÓSI, 1979, p. 46).

Muitas disciplinas podem trabalhar com relatos orais enquanto metodologia, como a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia Social. Porém, o que faz com que uma entrevista ou um conjunto de entrevistas seja considerado história oral? Certamente não é o simples ato de entrevistar. Alguns historiadores se valem de entrevistas para dar suporte a seus trabalhos, o que não significa, necessariamente, que estejam tratando de história oral.

1.2. O que é história oral? Metodologia e gêneros

Como discutido acima, a concepção de história oral aqui assumida é a de metodologia, isto é, estabelece critérios e caminhos que devem ser adotados para a realização de uma pesquisa. Há várias definições possíveis de história oral, entretanto, a que foi considerada mais adequada, tendo em vista que dialoga com outras proposições, e vai além delas, é a de José Carlos Sebe, pesquisador do Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo (NEHO- USP).

A história oral se dá através de um conjunto de procedimentos no qual o ponto principal é **a elaboração de um projeto**, por parte do historiador, que preveja

questões como o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas; planejamento de gravações; local; tempo de duração do projeto; transcrição e estabelecimentos de textos; conferência do produto escrito; autorização para uso etc. (MEIHY; HOLANDA, 2019, pp. 45- 46). Outra proposta importante a ser levada em consideração ao se elaborar um projeto, lembrando a frase de Thompson que introduz essa parte do artigo, é a sua finalidade social.

A conjugação de duas partes, a intenção e a prática de estabelecimento de textos e sua eventual análise, é o que caracteriza a história oral e a diferencia de outras propostas, mesmo das que também se valem das fontes orais. Como componente ativador do processo, o projeto é o elemento distintivo que articula e orienta os procedimentos de cada etapa, fazendo-o dar sentido aos fundamentos da investigação como fontes vivas (MEIHY; HOLANDA, 2019, p. 44).

O historiador, após definir seu projeto de pesquisa, vai a campo colher entrevistas e formar, juntamente com o entrevistado, as fontes que farão parte de seu projeto. O segundo aspecto que pode ser levantado a respeito da história oral é a indicação dos pontos de interseção entre as entrevistas, uma vez que os textos não se sustentam sozinhos, são cruzados a elementos internos e externos a eles. Trata-se de agir como um “mediador de causas”, de compreender os “argumentos que se opõem em busca de um diálogo” (MEIHY, 2006).

A análise das fontes colhidas depende da proposta do projeto. A fonte, por ser uma criação conjunta entre pesquisador e entrevistado, deve sempre ser construída através do diálogo entre as duas partes. Antes da publicação é necessário que o entrevistado tenha acesso à composição de seu relato, e, se possível os resultados do projeto devem voltar para aqueles que ajudaram a compô-lo (MEIHY; HOLANDA, 2019).

Maria Carolina Nascimento de Matos

Entre a seleção das entrevistas e a sua posterior análise se encontra o processo da transcrição. Seria demasiado exaustivo considerar toda a fala da pessoa com suas redundâncias, pausas e repetições. O historiador busca dinamizar os relatos orais através da transcrição, procurando não perder o sentido original do que foi dito:

A transcrição nos aproxima do sentido e da intenção original que o colaborador quer comunicar. E tudo vira ato de entendimento no sentido pretendido pelo emissor, que pode ser expresso tanto oralmente quanto por escrito (MEIHY; HOLANDA, 2019, p. 135).

Alguns autores, como José Carlos Sebe, defendem a necessidade de se considerar não apenas o que é dito, mas a *performance*, o desempenho do indivíduo, isto é, uma sensibilidade de reconhecer as emoções, vacilações, influências externas e internas, todo o conjunto que faz parte do contexto de criação das fontes, mas que não pode ser simplesmente captado por um gravador (MEIHY; HOLANDA, 2019).

O texto geral não é o texto definitivo ou limitado. A teoria do pesquisador será somente uma das possíveis perspectivas abertas pelo texto. Em sua rede ficcional, em sua força viva, exige mais que a sensação de uma leitura, exige o que envolve uma releitura, reinterpretaciones. Por ser um corpus vivo não se esgotou nem no projeto que o iniciou, nem no longo trajeto transcriativo e muito menos nas interpretações que, formalmente, o transformaram através do pesquisador numa leitura específica e singular (CALDAS, 1999, p. 77).

Definido o conceito de história oral, há três gêneros dentro dessa metodologia que podem ser utilizados de acordo com o intuito do pesquisador, isto é, há três maneiras de se trabalhar a história oral: história oral de vida, história oral temática e tradição oral.

A história oral de vida é uma prática de entrevista mais livre, sem questionários. O entrevistado pode passar horas contando suas experiências de vida e escolher o caminho que quer percorrer ao contá-las. Nesse tipo de abordagem, há a independência dos suportes probatórios, ou seja, ela se inspira nas construções

narrativas que admitem as fantasias, distorções e os lapsos de memória dos entrevistados (MEIHY; HOLANDA, 2019, pp. 33-34).

Já a história oral temática se baseia em uma maior objetividade com o uso de questionários, buscando podar devaneios e distorções dos indivíduos. Este gênero procura sustentar suas entrevistas através do diálogo com outras versões, ou até mesmo outras fontes que não somente a oral, promovendo debates (MEIHY; HOLANDA, 2019, p. 35).

Por fim, a tradição oral trabalha não tanto com o sujeito individual, mas com o coletivo, procurando compreender memórias e representações coletivas, como mitos de origem, explicações históricas etc (MEIHY; HOLANDA, 2019, pp. 40- 41).

2. História oral ou literatura? As vozes de Svetlana Aleksievitch

Como demonstrado acima, a história oral se baseia em uma metodologia de trabalho que engloba vários processos, podendo variar de acordo com a proposta de pesquisa, mas sempre mantendo estruturas básicas que diferenciam a história oral de outros tipos de trabalhos com fontes orais, como a possibilidade da análise da fonte, o entrecruzamento de entrevistas, a necessidade de um projeto prévio etc.

Os livros de Aleksievitch ganharam traduções em vários países, tornando-se comum o emprego da palavra “história oral” no subtítulo de suas obras.¹ Entretanto, para compreender se seus trabalhos realmente empregam a história oral, é necessário analisar a sua metodologia de trabalho. Para isso, além das três

¹Como exemplo, é possível citar a versão em português (brasileiro): *Vozes de Tchernóbil: A história oral do desastre nuclear*. E ainda as versões em inglês: *The Unwomanly Face of War: An Oral History of Women in World War II*, Nova York: Random House, 2017; *Last Witnesses: An Oral History of the Children of World War II*, Nova York: Random House, 2019.

Maria Carolina Nascimento de Matos

publicações da autora mencionadas acima, serão utilizadas como fontes entrevistas nas quais a autora comenta algumas de suas escolhas metodológicas e seu site oficial, que apresenta um resumo de suas intenções ao escrever suas obras.

Ao analisar os três livros de Aleksievitch propostos para este artigo: *A Guerra não tem rosto de mulher*, *Vozes de Tchernóbil* e *O fim do Homem Soviético*, é possível notar um caminho comum percorrido pela autora. No início de todas as suas obras, Aleksievitch se utiliza de dados históricos ou de entrevistas com historiadores para contextualizar os eventos que serão propostos como assunto. Além disso, sempre relata a sua perspectiva pessoal em relação ao tema e ao processo de trabalho percorrido até a publicação de seu livro: esta parte se torna importante para que o leitor entenda algumas de suas intenções.

Outra questão importante a se destacar é que, além de escritora, Aleksievitch se torna testemunha pessoal em pelo menos dois temas por ela abordados: o desastre de Tchernóbil – que inclusive ocorreu em sua terra natal – e a derrocada do regime soviético iniciada a partir da Perestroika. Assim, seu próprio relato acaba por compor as vozes da utopia: “Tenho a impressão de que conheço essa pessoa, ela me é bem conhecida, estou junto dela, vivi ao lado dela por muitos anos. Ela sou eu. São meus conhecidos, meus amigos, meus pais” (ALEKSIÉVICH, 2016b, p. 19).

Em cada um de seus livros, a autora leva de três a quatro anos viajando para diversos espaços do que costumava ser a imensidão do império soviético e entrevistou mais de 500 pessoas.² Na versão final de cada obra, Aleksievitch mantém aproximadamente 110 entrevistas, o que seria uma para cada cinco entrevistas

²A exceção é a obra *Vozes de Tchernóbil*, a autora revela ter levado mais de dez anos para concluí-la.

realizadas por ela (VOICES FROM BIG UTOPIA, s.d.). Alguns indivíduos, acostumados a viver sob um regime ditatorial, que silencia a possibilidade de outras histórias além da oficial, desistem de ter seus relatos publicados mesmo que de forma anônima, apreensivos com uma possível retaliação.

Outra parte crucial de seu trabalho é a transcrição de entrevistas. Apesar de ter a sua formação como jornalista, Aleksievitch não se limita a transcrever literalmente o que foi falado – e nem haveria espaço para tal proposta- e também não exhibe os relatos em forma de perguntas e respostas, algo comum no meio jornalístico. Sua transcrição apresenta um texto contínuo, com quase nenhuma interposição da autora. Em números aproximados, para cada pessoa, a autora utiliza quatro fitas de gravação, o que rende de 100 a 150 páginas de transcrição. Entretanto, apenas 10 irão para a versão final do livro (DALKEY ARCHIVE PRESS, s.d.).

A autora parece levar em conta, ainda que parcialmente, a questão da *performance* do indivíduo. É comum, em seus textos, uma sutil interposição, procurando aproximar o leitor do contexto da entrevista e, principalmente, das emoções dos entrevistados. Essa mediação ocorre sempre entre parênteses, indicando as emoções ou atitudes das pessoas durante seus relatos. Apesar de Aleksievitch parecer compreender que a *performance* influencia no entendimento dos relatos, ela não utiliza esse elemento de maneira crítica, isto é, não o considera como um elemento analítico, mas apenas como forma de aproximar o leitor do contexto e das emoções dos entrevistados.

[...] Os poloneses viviam no socialismo; os tchecos, também; os romenos, também; mas mesmo assim eles são diferentes...(Silêncio.) Agora não sei como sobreviver. A que me prender? A quê...

(A voz se reduz a um susurro. Mas tenho a impressão de que ela está gritando)
(ALEKSIÉVICH, 2016b, p. 188).

Maria Carolina Nascimento de Matos

Em relação à escolha das pessoas que serão entrevistadas, não é possível identificar um recorte preciso, seja de idade, gênero ou classe social. Aleksiévitich considera as vozes de cada indivíduo, mantendo uma grande pluralidade de perspectivas e fazendo jus à heterogeneidade étnico-cultural da antiga URSS e da atual Rússia. Em um mesmo livro, há entrevistas com pessoas que creem profundamente no comunismo em contraposição àquelas que já consideram o sistema fracassado. Mulheres, homens, crianças, adolescentes, carrascos e vítimas, pessoas que ocuparam cargos importantes durante o regime soviético como operários e intelectuais têm a possibilidade de narrar a sua própria visão sobre os fatos. Enfim, há multiplicidade em seu trabalho, e através disso é possível notar que a sua principal proposta é coletar as vozes da utopia levando em conta a sua pluralidade.

Relembrando as características dos relatos orais, com relação a sua confiabilidade, a autora deixa claro já em seu primeiro livro – *A guerra não tem rosto de mulher* – a característica narrativa e criativa das fontes vivas que não estão preocupadas em narrar a verdade de acordo com a “grande história”, mas suas perspectivas, através de seu próprio recorte e experiência de vida.

Antes de mais nada, é uma criação. Ao contar, as pessoas criam, “escrevem” sua vida. Acontece inclusive de “acrescentarem” e “reescreverem” passagens. Quanto a isso, é preciso ficar alerta [...] Os mais sinceros, estou convencida, são as pessoas simples [...] tiram as palavras de si mesmas, e não dos jornais ou livros que leram, não do que é alheio. Apenas dos próprios sofrimentos e emoções (ALEKSIÉVICH, 2016, pp. 13- 14).

Após apresentar algumas características e escolhas metodológicas utilizadas por Aleksiévitich, é possível ater-se à questão intrínseca à argumentação deste artigo: afinal as obras de Svetlana Aleksiévitich podem ser consideradas história oral? Ao longo do texto, a concepção de história oral apresentada foi a de uma metodologia

Sob outra perspectiva

cuja compreensão pode variar de pesquisador para pesquisador em pequenos pontos, mas que mantém estruturas principais, como a necessidade de se realizar o entrecruzamento das fontes colhidas e a elaboração de um projeto prévio que preveja diversas questões, tais como, a definição de um grupo de pessoas a ser entrevistadas, o planejamento da condução das gravações, transcrição etc.

Há muitas aproximações entre a escrita de Svetlana Aleksiévitich e a história oral, principalmente com o gênero história oral de vida: a forma como a autora realiza a transcrição de suas entrevistas; a liberdade concedida às narrativas de seus entrevistados; a existência de um caderno de campo etc. Entretanto, não é possível, *stricto sensu*, considerar seu trabalho a partir desta perspectiva, pois não há justamente preocupações metodológicas concernentes à história oral por parte da autora. Ela apresenta os relatos, porém não faz um uso crítico deles, ou seja, não propõe um diálogo entre as entrevistas, nem uma análise. Além disso, não há um projeto como, por exemplo, o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas.

Como foi apresentado, Aleksiévitich colhe os relatos durante suas viagens e vai incorporando histórias. Sua intenção é ouvir o maior número e diversidade de pessoas possíveis e suas histórias, estabelecer uma ligação entre os relatos “da rua” e a literatura, e não se limitar ao recorte de um grupo específico, ou se preocupar em utilizar esses relatos sob alguma perspectiva analítica.

Poucas são as informações dadas a respeito dos indivíduos e do contexto em que se realizou a entrevista. Os dados básicos apresentados pela autora são nome (real ou fictício), idade e ocupação – há entrevistas em que nenhum dado é colocado.

Maria Carolina Nascimento de Matos

Quanto ao contexto, a autora só o menciona nos casos que parece considerar mais relevantes, variando de entrevista para entrevista.

Isso dificulta uma possível análise mais aprofundada das fontes, já que em alguns casos não há dados suficientes para que se compreenda e interprete as narrativas dos indivíduos que podem variar de acordo com vários fatores, tais como classe social, gênero, idade, grupo étnico etc.

Para esclarecer de maneira mais sólida essas diferenças, será utilizada como exemplo a tese de doutorado da historiadora Marcela Boni Evangelista: *Dilemas da (sobre)vida: o aborto* (EVANGELISTA, 2017). Em seu projeto, Evangelista realiza entrevistas com 16 pessoas que contam suas perspectivas em relação ao tema do aborto. Inicialmente, apresenta um quadro com características das entrevistas e dos entrevistados, tais como data da entrevista; nome; idade; escolaridade; gênero e se a pessoa já realizou ou não o aborto – todos esses dados serão levados em conta na hora de se propor uma reflexão a partir das narrativas. Antes de apresentar cada relato, a historiadora descreve os caminhos que a levaram até aquela pessoa, o contexto da entrevista e a sua aprendizagem com cada indivíduo.

Evangelista divide sua tese entre a apresentação das narrativas e a posterior análise destas. Ela escolhe analisar os relatos através de recortes como feminismo, gênero e interseccionalidade. É possível notar que, aqui, a “grande história” de pensadoras como Simone de Beauvoir, Joan Scott e Judith Butler dialoga com a “pequena história” das 16 pessoas entrevistadas e ambas se complementam.

O excerto abaixo explicita a necessidade da compreensão do lugar de onde falam os indivíduos e a possibilidade de conexão entre as narrativas:

Sob outra perspectiva

Mas a conexão entre as histórias de Amelinha e Yury não está somente na identidade feminista e na militância. Suas narrativas, que foram construídas a partir de entrevistas de história de vida, falam muito sobre suas vidas, mas as extrapolam. Suas palavras caminham em busca de uma voz coletiva, mesmo quando contam episódios íntimos [...]. É a voz militante que faz eco quando se dispõe a falar, ainda que partam de si mesmas. O discurso produzido por essas mulheres converge na medida em que suas vidas não se dissociam de sua luta, uma luta por todas as mulheres (EVANGELISTA, 2017, pp. 301 - 302).

O trabalho de Svetlana Aleksiévitich acaba por ser confundido com outras disciplinas e metodologias justamente por haver em suas obras características que dialogam com outras áreas, como o Jornalismo, que afinal é sua formação, ou a história oral. Porém, com base no que foi apresentado até o momento, é possível concluir que Aleksiévitich pretende entregar ao seu público uma obra de literatura documental que traga a vida e os sentimentos de cada pessoa em uma multidão. Para ela, cada um tem a sua própria história, sua própria verdade que merece ser ouvida e até mesmo publicada.

A história oral, em essência, é uma tentativa de reconectar o ponto de vista nativo, local, vindo de baixo, e o ponto de vista científico, global, visto de cima: de contextualizar aquilo que é local e de permitir que o global o reconheça. A história oral, então, junta a história vinda de cima e a história vinda de baixo em um mesmo texto – em uma mesa de negociação – criando um diálogo igualitário entre a consciência que os historiadores têm dos padrões espaciais e temporais mais amplos e a narrativa pessoal, mais pontualmente focada no narrador local (PORTELLI, 2016, p. 150).

Por fim, é inegável a contribuição de Aleksiévitich para a história: seus trabalhos produziram fontes únicas que podem ajudar o historiador a compreender diversas questões da história soviética como a cultura, o imaginário social e a memória coletiva. Por exemplo, em sua obra *O fim do Homem Soviético*, são comuns relatos que mencionam a grandiosidade da Rússia, uma espécie de “destino manifesto”, que faz da Rússia um país predestinado a ser “grande” e mostrar aos outros o seu poder. Alguns historiadores como Angelo de Oliveira Segrillo defendem a existência de uma psique social russa que remonta a desde, pelo menos, a consolidação do Estado

Maria Carolina Nascimento de Matos

Moscovita, que se caracterizou por ser um Estado forte e centralizado capaz de expulsar os mongóis que dominaram a região por dois séculos (XIII – XV) e criar um dos maiores impérios continentais do mundo (SEGRILLO, 2016).

Em contraposição, o antigo Estado Kievano (sécs. IX – XII) era uma confederação solta de cidades-estado com vassalagem ao grande príncipe de Kiev e não foi capaz de resistir às invasões mongóis devido a sua fragmentação e desunião (SEGRILLO, 2016). A diferenciada experiência histórica russa marcou a psique social da população, que considera importante a construção de um Estado centralizado e forte, personificado na figura de um governante que guie a nação positivamente, mantendo a gloriosa história russa. Isso pode ser visto até os dias atuais, sob o controverso governo de Vladimir Putin.³ Essa é apenas uma das propostas de análise que pode ser tirada de suas obras, contribuindo assim para o aprofundamento de teorias ou perspectivas históricas.

3. Conclusão

Ao longo deste trabalho, foi possível estabelecer um diálogo entre as obras da escritora bielorrussa Svetlana Aleksievitch e a história, e também a metodologia da história oral. Apesar de seus livros serem, muitas vezes, publicados sob essa denominação, foi visto que, *stricto sensu*, considerar seu trabalho como um projeto de história oral seria incorreto, pois não há a intenção da autora de utilizar essa metodologia de trabalho.

Ao dizer que seus escritos não fazem uso da metodologia da história oral, não se pretende inferiorizá-los ou descartá-los como análise histórica. Este artigo tem o

³ Sobre a formação da psique social russa e a controversa popularidade de Vladimir Putin, destaca-se o texto de Segrillo: *A nova Rússia: Balanços e desafios*. In: II Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional, 2008.

objetivo de desconstruir possíveis confusões referentes tanto à história oral, quanto ao gênero ao qual pertencem as obras de Aleksievitch, tendo em vista que não há um consenso acadêmico sobre esse assunto. É possível encontrar suas obras sendo designadas como literatura, história oral, jornalismo etc. Frente a isso, muitos preferem optar pelo meio termo e definir sua obra como um híbrido de história oral, jornalismo e literatura, sem que essa questão seja aprofundada e/ou analisada. É inegável que haja elementos comuns a essas três definições e que uma não necessariamente exclua a outra. Entretanto, não se pode deixar de considerar que se trata de um trabalho literário que, apesar da forma de comunicação, não emprega a metodologia da história oral.

O diálogo e as aproximações que existem entre suas obras e a história oral são inegáveis. Aliás, as possibilidades de pesquisas a partir de seus livros são muitas, pois Aleksievitch, conjuntamente com cada indivíduo entrevistado, criou fontes que ajudam a compreender não só o lado “mais humano” e cotidiano da história soviética, mas também traz a pluralidade tão necessária para a compreensão da história como um todo. Pessoas que viveram sob um regime fechado durante tanto tempo ajudam a entender a dimensão dos eventos no íntimo de cada um, mas nunca deixando de estabelecer conexões entre a “história vinda de cima” e a “história vinda de baixo”, como pondera Portelli em excerto acima.

Em seu livro *Vozes de Tchernóbil*, Aleksievitch lembra a necessidade de se ter recortes diferentes sobre o mesmo assunto:

Este livro não é sobre Tchernóbil, mas sobre o mundo de Tchernóbil. Sobre o evento propriamente, já foram escritos milhares de páginas e filmados centenas de milhares de metros em película. Quanto a mim, eu me dedico ao que chamaria de história omitida, aos rastros imperceptíveis da nossa passagem pela Terra e pelo tempo [...] (ALEKSIÉVICH, 2016a, p. 27).

4. Referências Bibliográficas

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. **Vozes de Tchernóbil**: a história oral do desastre nuclear. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.

_____. **O fim do homem soviético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b.

BÓSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

CALDAS, Alberto Lins. Transcrição em História Oral. **Neho-História**, São Paulo, nº 1, nov/ 1999, pp. 71 – 79.

EVANGELISTA, Marcela Boni. **Dilemas da (sobre)vida: o aborto**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe B. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. *Revista de História*, n. 155, 2006, pp. 191–203. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i155p191-203>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19041>. Acesso em: 19 out. 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: Como fazer, como pensar. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, pp. 200-212. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/108>. Acesso em: 20 mar. 2020.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra & Voz, 2016.

SEGRILLO, Angelo de Oliveira. A nova Rússia: balanços e desafios. In: **II Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional**: Seminário Rússia. Brasília: Funag, 2008, pp. 89-109. Disponível em: <http://paineira.usp.br/lea/arquivos/trabalhos/angelo/10%20%20anovarussiabalancoe%20desafios.pdf>. Acesso: 28 out. 2020.

SEGRILLO, Angelo de Oliveira. **Rússia: Europa ou Ásia?** A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas e suas consequências hoje na política da Rússia entre Ocidente e Oriente. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. 2. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1998.

Sites:

A Conversation with Svetlana Alexievich By Ana Lucic. **Dalkey Archive Press**. Disponível em:

<http://www.dalkeyarchive.com/a-conversation-with-svetlana-alexievich-by-ana-lucic/>. Acesso em 19 mar. 2020.

Svetlana Alexievich: "Quando o povo falou, todos ficamos com medo". **EL PAÍS**, 2015 Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/10/cultura/1444492293_831692.html. Acesso em 14 jul. 2020.

Voices from Big Utopia. Disponível em: <http://alexievich.info/>. Acesso em 19 mar. 2020.